

Efeitos sem causas

J. Roberto Whitaker Penteado

Uma nova campanha empolga os nossos profissionais de comunicação, em especial os jornalistas: o combate à prostituição infantil. O Globo, por exemplo, já nos brindou – em manchete – com a estranha informação de que há jovens patrícias que vendem os seus serviços por R\$ 1,99 – sem especificar se e como dão o centavo de troco, já que tal denominação monetária inexistia oficialmente. Também ficamos sabendo que o mal assola as 3 mil maiores cidades brasileiras, outra curiosa estatística, para mim que mal suspeitava da existência de tantas cidades, assim, de certo porte, em nosso país.

Antes que alguém me venha acusar de ser a favor da prostituição infantil e contra os nobres sentimentos dos nossos jornalistas e repórteres, quero explicar a razão da minha falta de paciência, com esse tipo de coisa. Ela tem a ver com uma observação feita, durante uma palestra, por Carlos Salles, ex-CEO da Xerox do Brasil e competente presidente de uma ONG chamada “Brasil Competitivo”: “um dos nossos maiores defeitos é tentar dar soluções a problemas antes de tentar equacioná-los adequadamente”.

Você já deve ter visto os cartazes nos aeroportos, mostrando jovens brasileiras de pele escura, a bandeira brasileira e apelos patrióticos contra o “turismo sexual”; assim como avisos em bares e restaurantes de que permitir a prostituição infantil nesses locais dá cana para todo mundo, inclusive e especialmente os seus donos.

Já vi esse filme tantas vezes, inclusive na ridícula proposta do “Fome Zero”, do partido delinquente que (ainda) nos governa - e que conseguiu enganar muita gente, no exterior, que também gosta de simplificações. Lembro que, quando foram tentar equacionar o problema, depois de ver que a solução não estava dando certo, encontraram mais obesos do que esfomeados, “nesse país”...

O que são, exatamente, “prostituição infantil” e “turismo sexual”? Uma jovem (ou um jovem) de 17 anos, que cobra para prestar serviços desse tipo, pode ser considerado “infantil”? Em que circunstâncias – e por que – ocorrem essas práticas? As pessoas nela envolvidas têm outras opções de rendimento? Estão capacitadas para outros tipos de trabalho? A quem mais interessa o que fazem?

A lista de perguntas seria longa, quase uma pesquisa, mas tenho certeza de que ninguém se preocupou com isso, antes de começar a campanha. Pena que isso se tenha tornado regra, entre nós, como disse o Salles. Lembro-me, também, da observação de um amigo, a respeito da forma pelas quais pensamos que vamos resolver as coisas: há um “gosto brasileiro” pela denúncia e pelo diagnóstico, sem compromisso com o plano de ação.

A rigor, a rigor, foi assim que os petistas chegaram ao poder: dizendo que iam acabar com “tudo isso que está aí”... Parece que acabaram – substituindo o que “estava aí” por coisas bem piores.

E já que estou no clima das citações, encerro com outra – muito perspicaz – do grande Eça de Queiroz: “Os brasileiros são pessoas muito simpáticas; pena que não sejam capazes de relacionar as causas com os efeitos”.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Efeitos sem causas. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, mar. 2006. <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=195&ID=321>>. Acesso em: 17 ago. 2009.